

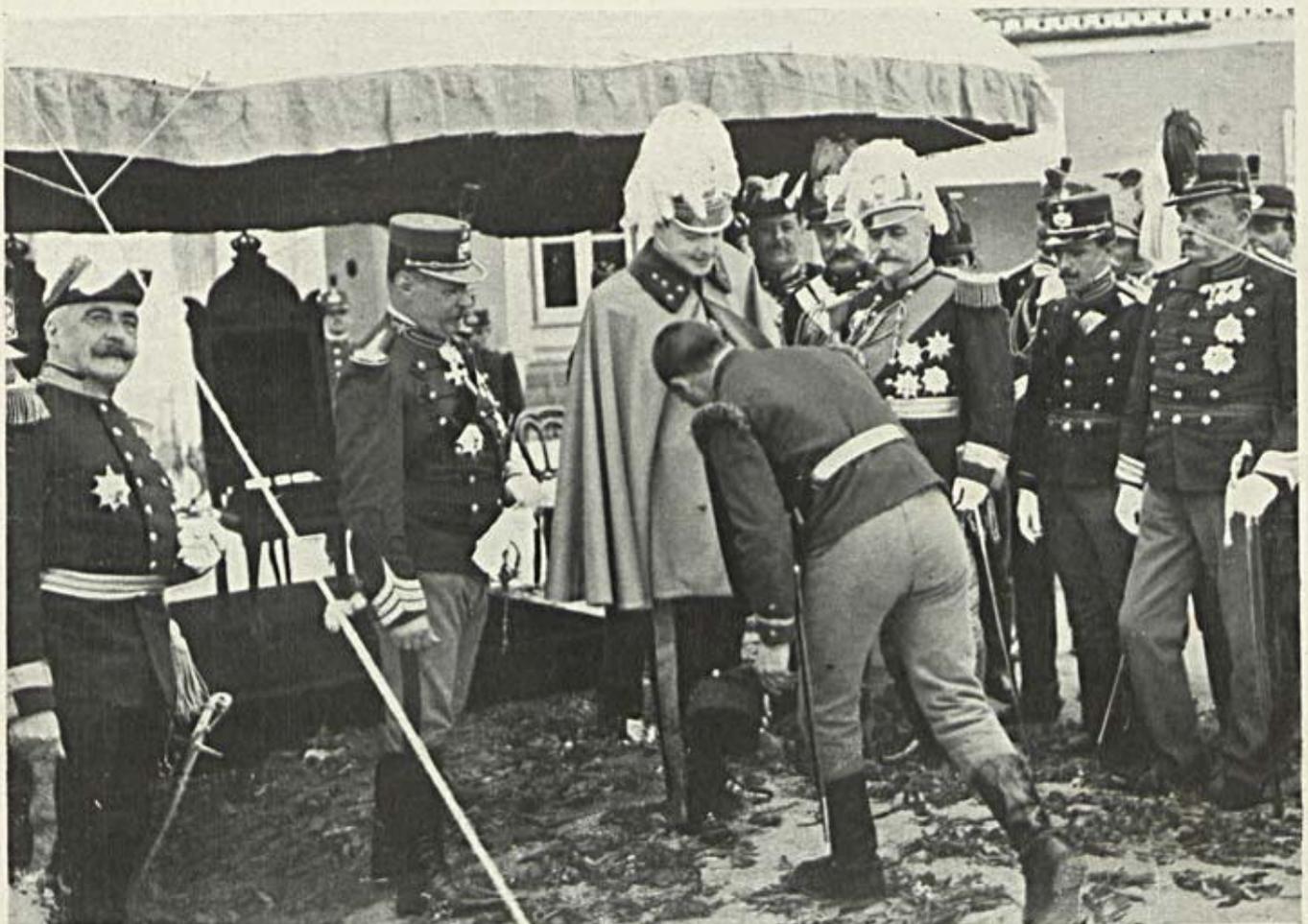
BRASIL - PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE MAIO DE 1910

N.º 271

Uma festa no Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha



(Cliché de J. Bonollet.) El-Rei entregando o premio a uma das praças vencedoras nos exercicios de "sport"

Uma festa no Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha



El-Rei entrando na parada do quartel

No quartel de infantaria n.º 1, em Belem, realisou-se, n'um dos ultimos dias do mez findo, uma festa a que assistiram El-Rei e o Senhor D. Affonso, que assim concorreram para abrilhantar um acto já de si solemne e commovente como é sempre a cerimonia do juramento de bandeiras. A festa consistiu da benção da nova bandeira, da ratificação do juramento dos recrutas, e de varios exercicios physicos, taes como saltos à vara, corridas de velocidade, corridas de obstaculos, etc.

Referem-se a esta festa a bella gravura que publicamos na primeira pagina, na qual se vê o Senhor D. Manuel entregando o premio a um dos vencedores das provas de sport, e as que damos n'esta e na seguinte.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Chantecler e a moda. Pela gloria de um gallo o martyrio de milhões d'elles. Vem ahí os chapéus Chantecler. Alerta paes de familia! O sr. Chantecler Pinto, creado de vocencias. O espirito de Calino da Silva. Depois do gallo do sr. Rostand, o cão do sr. Mirbeau. Um livro do auctor do Calvario. Psychologia d'um tóto. Vamos lá a cair com 3 francos e 50 centimos. — Um congresso contra os desmandos de linguagem. O que são os congressos. O que seria um congresso contra a lingua depravada em Lisboa.

Esse Chantecler motejado pela illustre população lisboeta e desfeiteado no theatro de D. Amelia por quem julgou comprar esse direito com o bilhete de entrada — e ponto sobre o assumpto! — não revolucionou apenas o mundo litterario e theatral mas tambem o da moda. A acção de Chantecler alargou-se até este ponto.

Não sendo possivel ás damas adoptarem os traços bizarros das personagens da peça, a moda do dia reduziu a inspiração da interessante actualidade á forma e ao adorno de chapéus que lembram a linha magestosa do heroe do poema de Rostand. Os chapéus á Chantecler fazem furor em França e ainda mais na Inglaterra: o seu enorme successo relegou para o ultimo plano o chapéu «Viuva Alegre» e lueta victoriosa-

mente contra o triumpho do casquete «Napoleão» cujo exito parecia impôr-se sem discussão. Voltaram, pois, novamente, os grandes môlhos de pennas, especialmente as de gallo, collocados como uma cauda na rectaguarda do chapéu, cujas abas abrem de forma a dar a impressão de uma tentativa de vôo. Mais elegantes ainda são as pennas de faisão, que recordam a sentimental heroína que Chantecler ama e para quem o canto do gallo representa toda a força da sua vaidade triumphante.

Mas as humildes aves das capoeiras dos quintalorios urbanos e dos campos que a phantasia do poeta francez exaltou, começam a pagar caro a sua grande celebridade. Ao passo que toda a gente discute o exito ou fracasso da peça e milhares de desenhos ou reproduções photographicas popularisam as suas extravagantes personagens, a moda multiplica o valor dos naturaes atavios das aves domesticas e dá novamente fóros de elegancia a essas pobres pennas que ultimamente eram apenas destinadas á consolação do nosso corpo em fofos colchões e almofadas. Assim o triumpho de Chantecler — pelo menos o monetario é evidente — é um percalço tremendo para os seus semelhantes. Milhões de gallos e outras aves depennadas aprendem por triste experiencia — triste e dolorosa — quanto custa um representante da sua especie cantando de papo e em local pouco adequado um hymno ao Sol entre fôcos de luz electrica e cortejando galantemente em versos d'oiro uma faizôa formosa e coquette.

Ah! os milhões que os srs. Rostand, Hertz e Coquelin ganham com a exploração do seu rico negocio teem custado e hão de custar ainda grossas samsaborias! A precissão está no adro. Deixem vossas senhorias vir as chapeletas, que lhes hão de custar os olhos da cara, e então falem comigo.

Entretanto vão registando esta: — Ha dias houve mosquitos por cordas n'uma igreja de Lisboa porque um reverendo parcho se recusou a baptisar um menino com o nome de Chantecler. O menino é filho de José Possidonio Pinto e de D. Margarida Pinto. Viria a ser, portanto, Chantecler Pinto ou Chantecler de via reduzida.

Pae, mãe, o pequeno Pinto e futuro gallo honorario, padrinhos, parreira e mais pessoal, sahiram da igreja e foram registar o menino civilmente. E pouco depois o fedelho ficava para todos os effeitos sendo o sr. Chantecler em nome da Liberdade.

Pois em nome de quem havia de ser senão da Liberdade, que cada um gosa, de fazer asneiras?

Fiquem-se com essa e com mais esta com que encerro o incidente, como se diz no parlamento.

Sabia eu do D. Amelia matutando nos percalços da vida terrena, quando encontrei junto do chafariz, a fugir de um carro á desfilada, o meu amigo Calino da Silva, assiduo frequentador de primeiras representações e critico theatral de uma severidade que não conhece limites. Calino da Silva estava apopletico de indignação. Bracejando furiosamente interrogou-me á queima-roupa:

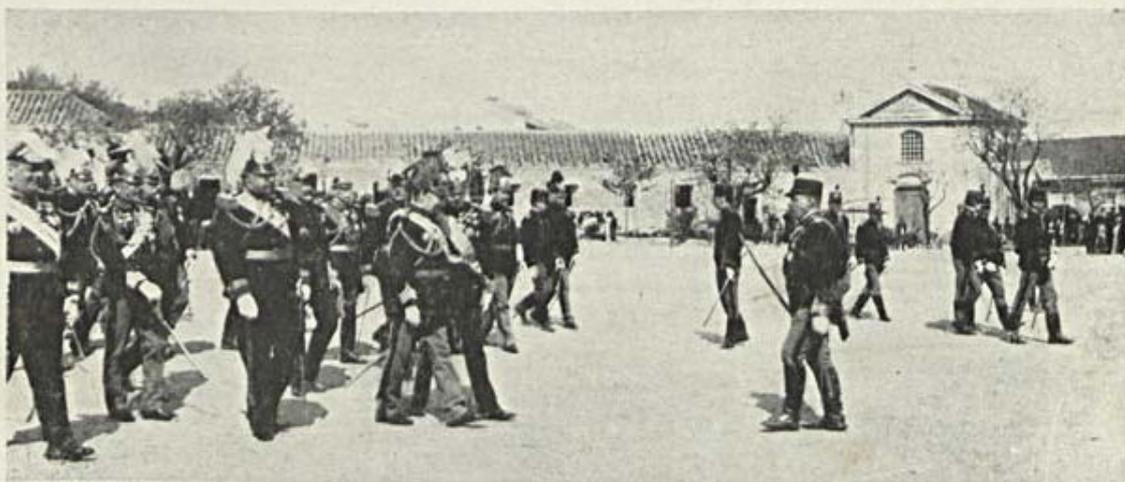
— Então que me diz do tal Chantecler? Que lhe parece a borra-cheira?

— Oh homem de Deus, o Chantecler tem coisas bellas, muito bellas, mesmo.

— Pois sim. Terá muitas coisas bellas. Mas tem muitas mais coisas Queluz!

Os animaes estão na ordem do dia pelo menos em França. Com o Chantecler dá-se o caso dos negocios novos que alguém explora com exito: a concorrência.

Rostand arranja a vida com um gallo? Isso basta a, pelo menos o sr. Octavio Mirbeau, pretender fazer fortuna com um cão, ou o que é mais verdade, com a memoria pouco sympathica de um cão que lhe pertenceu e passou d'esta para melhor, o que parece ter acabrunhado horriavelmente o auctor do Calvario. O animal que vae gosar uma celebri-



(Clichés de J. Benollel).

Uma festa no Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha

O coronel de infantaria n.º 1, sr. Sousa Marques, dirigindo-se ao Senhor D. Manuel na occasião em que El-Rei acompanhado do Principe Real, ministro da guerra e varios officiaes, dava entrada na parada do quartel

dade mundial — eu aposto! — é *Dingo*, cão australiano cuja biographia o sr. Mirbeau vae escrever com o coração trasbordando amargura. Não se trata de um livro para creanças nem de uma grande fabula em prosa. Nada d'isso. Um trabalho de psychologo, a valer!

O sr. Mirbeau que, como já disse, está abatidissimo com o infausto successo, já foi entrevistado por jornalistas acerca da sua futura obra.



Uma festa no Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha
Um salto em ordem de marcha

Custou immenso arrancar-lhe algumas palavras. Estaes vendo, oh gentes! Por fim, com voz soturna e olhos humidos, o sr. Mirbeau disse alguma coisa. *Dingo* era um animal magnifico, muito curioso, de uma extraordinaria sensibilidade. Era da Australia central e conservou sempre o seu «espírito primitivo», o que leva a crer que morreu no pleno uso das suas faculdades mentaes. Tinha alguma coisa de cordeiro e alguma coisa de lobo, disse o sr. Mirbeau. E' claro que era cordeiro do lado da cabeça; no caso contrario ter-se-ia comido do outro lado.

Apenas obedecia ao sr. Mirbeau e se estava para ali virado. Recusou-se por vezes a entrar para a carruagem com o grande escriptor, obrigando o sr. Mirbeau, que não podia passar sem elle, a ir tratar da vida a pé, ás vezes debaixo de cargas d'agua medonhentas. Um bello dia saltou ás guellas d'um allemão e por pouco o não mandou para os anjinhos. O sr. Mirbeau liga este acontecimento ao caso da Alsacia e da Lorena. E dá a entender — vamos, com razão! — que *Dingo* foi muito mais patriota que o gallo de Cambó.

Por aqui se ficou o sr. Mirbeau. Muito mais, certamente, teria a dizer, mas n'estas coisas o segredo é a alma do negocio. Quem quizer saber o resto que vá puxando os cordões á bolsa preparando-se para exportar 3 francos e 50 no balaão de mestre Calman Levy, que tambem não sabe nada, graças a Deus!

N'um ponto estou em accordo absoluto com o sr. Octavio Mirbeau: é quando o notavel escriptor diz que quando se tem convívio muito



Uma festa no Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha
*As praças vencedoras dos primeiros premios
Clichés de J. Benollet, nos exercicios de sport*

com os homens se sente o irresistivel desejo de pensar nos animaes. Lá isso é verdade. Resta saber se os animaes terão a mesma opinião.

Leio no *Corriere della Sera*, magnifico diario milanez, que está reunido em Roma um congresso contra «os excessos de linguagem», de-

vendo entender-se por excessos de linguagem — nomes feios. Parece que nas ruas da cidade eterna se ouvem, de manhã á noite, palavrões de fazerem corar um granadeiro. As coisas chegaram a ponto de se julgar indispensavel este congresso.

O congresso é o grande recurso da actualidade. Quando um problema social ou economico apaixona a opinião arranja-se logo um congresso para pôr a coisa nos devidos termos. Veem congressistas de toda a parte. Fazem-se discursos em todas as linguas, ás vezes ha debates em francez, votam-se tres ou quatro moções de peso e acaba tudo com uma janturada de arromba de que resultam indigestões pavorosas e a morte do representante d'um paiz longinquo pouco familiarizado com as paparcas europeias. Vae o homem encaixotado para a sua terra com grande bota-fóra de gente de oculos de aros d'oiro e caras rapadas, que permuta palavras de condolencia entrecoortadas de arrotos, que n'estes casos substituem com vantagem os soluços da ordenança. Depois cada um vae para seu lado com a *valise* n'uma mão e a chapelleira n'outra, passem os amigos por cá muito bem — e quem quizer melhor que o faça com a cara.

Ha uma natural curiosidade de saber os resultados praticos do congresso. Eu, por exemplo, sinto-me mordido por essa tarantula: Procuo o delegado portuguez e interrogo o:

— Olhe lá, que resolveram os srs. no congresso?

— Resolvemos acceitar a gran-cruz da Agúia cõr de papagaio, que



Uma festa no Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha
O Senhor D. Manuel procando o rancho

nos foi concedida pelo governo da Finlandia e reunir no proximo anno na Bosnia, onde, segundo me dizem, se janta admiravelmente.

Eu não sei se o congresso contra o desmando de linguagem reunirá em Lisboa. Mas se reunir e os congressistas perceberem um pouco o portuguez, aposto dobrado contra singuelo como perdem a vontade de comer.

CAMARA LIMA.

A nuvem

Estendido na relva, cabeça voltada para o céu, n'uma deliciosa preguiça que ainda não é o somno, mas que já participa do sonho, fumava, com os olhos cemi-cerrados.

O que eu mettera no cachimbo, não fôra tabaco de França, nem tabaco do Oriente. Não: deitara-lhe dentro as minhas saudades e as minhas esperanças. os beijos de hontem e os beijos d'amanhã, todos os meus sonhos, os que se não realisaram, os que talvez viriam a realizar-se breve, toda a minha alma sempre propensa ás chimeras. E do cachimbo sahia um fumosinho que subia, que subia, e se espalhava, vaporisava, desapparecia. E eu dizia para comigo: «Os meus sonhos! em que elles se tornaram!»

Depois, melancolicamente, fui perdendo o accordo e adormeci. Quando reabri as palpebras, o céu, inundado do sol resplandecente do meio dia, enchia a atmosphera de luz; no fundo limpido e azul esfarrapavam-se umas nuvensinhas vermelhas e douradas.

Uma d'essas nuvens, menos afogueada, mais macia, um pouco rosada, um pouco pallida, é que especialmente attraia o meu olhar. E ia subindo devagarinho, resolutamente. Segui-a com os olhos e com o pensamento, na sua ascensão ás paradisiacas glorias do sol; e adorava-a, adorava-a! porque adivinhava, porque sabia que essa pequenina nuvem se formara do fumo do meu cachimbo, do fumo d'esse cachimbo onde eu deitara as minhas saudades e as minhas esperanças, os meus sonhos, e a minha alma inteira!

Catulle Mendès.

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA

Aqui está um appellido significativo. E' o appellido de uma familia que tem dado e continua dando um importante contingente á Arte. O pae é conhecido no mundo do theatro, o filho mais velho no das letras, e entre os amadores dramaticos de incon-



D. Maria de Albuquerque d'Éça Leal

(Cliché Bobour, Lisboa.)

testado valor, figura já ha tempo m'elle Maria d'Albuquerque d'Éça Leal, cujo retrato publicamos, e de que lhe pedimos a devida venia.

Já applaudida por publicos escolhidos, e formados pela melhor sociedade de Lisboa, dentro de poucos dias vae consagrar-lhe os meritos o publico de S. Carlos, que em um papel novo, verá brilhar mais uma vez o talento d'esta distinctissima amadora dramatica.

EM FÓCO

Pedem-me os meus caros amigos duas palavras sobre José de Barros Lima, porque me sabem verdadeiro amigo d'elle.

E' certo, mas é por isso mesmo que se avoluma a difficuldade de lhes ser agradavel. Ou teria que dizer muito, correndo o risco de levarem á conta de amizade, quanto escrevesse de bem acerca de um dos melhores rapazes que conheço, ou apenas me limitaria ás taes duas palavras, ficando eu então com o remorso de deixar no tinteiro quanto desejasse e devesse escrever.

Permittam-me portanto que resolva a contenda ao meio — nem tanto ao mar nem tanto á terra — que não diga, em summa, nem duas palavras nem duas mil, mas sómente as bastantes para frisar as excellentes qualidades d'aquelle que occupa hoje um pequenino espaço no *Brasil Portugal*.

E' que Barros Lima não é menos distincto pelo seu nome de fa-

milia do que pelos seus dotes pessoais. A sua figura aprumada e elegante por igual se salienta e impõe, quer assume ás janellas do *Club Tauromachico*, para onde, mal o vêem, disparam olhares eloquentes as peccadoras que passam, quer se destaque por entre os



José de Barros Lima do Rego Barreto

(Cliché Vidal & Fonseca, Lisboa.)

grupos de uma *soirée* chic, quer, como n'outro tempo, revelasse deante de um touro, n'essas corridas de fidalgos — que já não ha — a sua bravura e galhardia de forçado emerito.

Á Africa dedicou José de Barros alguns annos da sua vida, mas não deixou lá nem a mocidade que n'elle é eterna, nem o bom humor que é a sua força, nem a lealdade que é o perfume do seu caracter.

Egrol.

Bordado a lã sobre cartão e espelho

Para o fazer sobre cartão procede-se do seguinte modo:

Por meio do papel chimico de transmissão passa-se para o cartão o desenho que se quer executar. As lãs, de que desejamos fazer o bordado, devem ser cortadas de modo que constituam uma especie de pó, devendo as côres ficar separadas. Feito isto desfaz-se n'uma chavena gomma arabica que fique um pouco grossa e procede-se á execução do trabalho.

Começa-se, por exemplo, por uma folha. Com um palito molhado na gomma humedece-se uma das partes da folha e por meio d'uma pinça toma-se um pouco do pó da lã e colloca-se na parte humedecida, depois acalega-se com a folha d'um canivete e passa-se ao outro lado da folha, procedendo do mesmo modo.

Assim se executará em todo o desenho, tendo sempre em vista a boa harmonia das côres. Este trabalho tão simples é de um lindo effeito sobretudo applicado em espelho, e do qual descrevemos em seguida a maneira de o fazer:

Prepara-se a lã como para o bordado sobre cartão, tiram-se dois debuxos, um dos quaes se recorta, collando o outro ao espelho por meio de gomma arabica

N'um tachinho, com algumas gottas de therebentina, derrete-se uma pouca de cêra em rama e depois de ella passar ao estado liquido tira-se com uma taboasinha (que se mergulha em agua fria e depois na cêra) para uma bacia com agua fria. Solidificada novamente a cera, tira-se com muito cuidado e enxuga-se estendendo-a em cima d'um panno. Sobre a cera collocam-se as folhas e fiôres, que constituam o debuxo que se recortou, e com um canivete recorta-se a cêra conforme o modelo.

A cêra assim recortada cola-se ao debuxo que está pegado ao espelho, procedendo-se do mesmo modo que para o bordado em cartão, collocando por meio d'uma pinça a lã sobre a cêra e calcando-a com o canivete. Quando se tenha ministrado as lãs todas ao bordado, arranca-se com muito cuidado o desenho que se pegou ao espelho.

Centenario da independencia da Republica Argentina

A guarnição do cruzador "D. Carlos", que vae a Buenos Ayres representar Portugal nas festas do centenario



O commandante e a officialidade

A viagem do cruzador "D. Carlos"

Deve presentemente estar no Rio de Janeiro o cruzador *D. Carlos* que, sob o commando do sr. conselheiro Alvaro Ferreira, partiu do Tejo em 8^o do mez findo, com destino a Buenos-Ayres, onde

vae representar o governo portuguez nas festas do centenario da independencia da Republica Argentina.

O *D. Carlos*, que é o melhor cruzador da nossa armada, leva 447 homens de guarnição e segundo noticias recebidas de S. Vicente de Cabo Verde a viagem tinha-se feito até alli nas melhores condições e sem uma unica nota desagradavel no que diz respeito a questões de disci-



A guarnição do cruzador «D. Carlos», que vae a Buenos Ayres representar Portugal nas festas do centenario
(Cliché de J. B. Molle).
Os officiaes inferiores

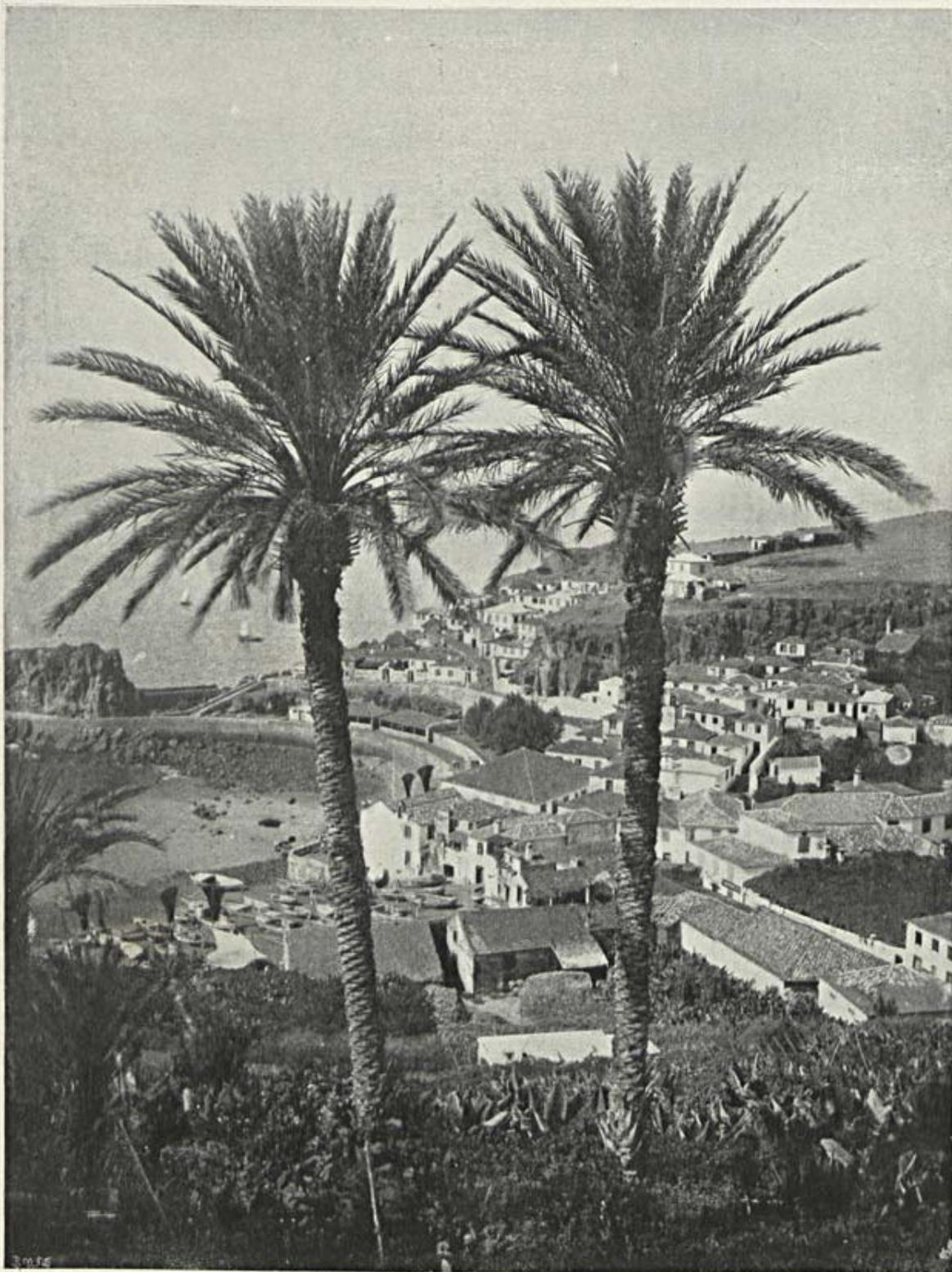
plina, afirmando-se assim mais uma vez a superioridade dos nossos marinheiros, a sua dedicação e respeito pelos superiores, e o seu amor pela vida do alto mar. Segundo essas noticias todos iam satisfeitos, aproveitando a marinhagem as suas horas de recreio para dar largas ao seu genio alegre e folgazão, animada pela charanga de bordo. Bons rapazes, como sempre, os nossos marujos!

A viagem do cruzador D. Carlos a Buenos-Ayres representa uma gentileza que devemos á Republica Argentina, paiz de largo futuro commercial e politico e onde tantos compatriotas nossos estão recebendo o melhor acolhimento. Impunha-se, portanto, por este motivo, mas, quando mesmo elle se não dêsse, ainda assim seria util sob todos

os aspectos porque é conveniente que o mundo saiba que existimos, que os portuguezes espalhados por todas as nações da America vejam que a metropole os não esquece, e que o estrangeiro se acostume a ver mais amiudadas vezes a bandeira das quinas que a todos ensinou o caminho do oceano.

Com a recente viagem do cruzador S. Gabriel deu-se o curiosissimo caso de se ir encontrar um porto do estreito de Magalhães onde se imaginava que os portuguezes eram pretos! E ficaram todos admirados de nos verem tão *bem parecidos*.

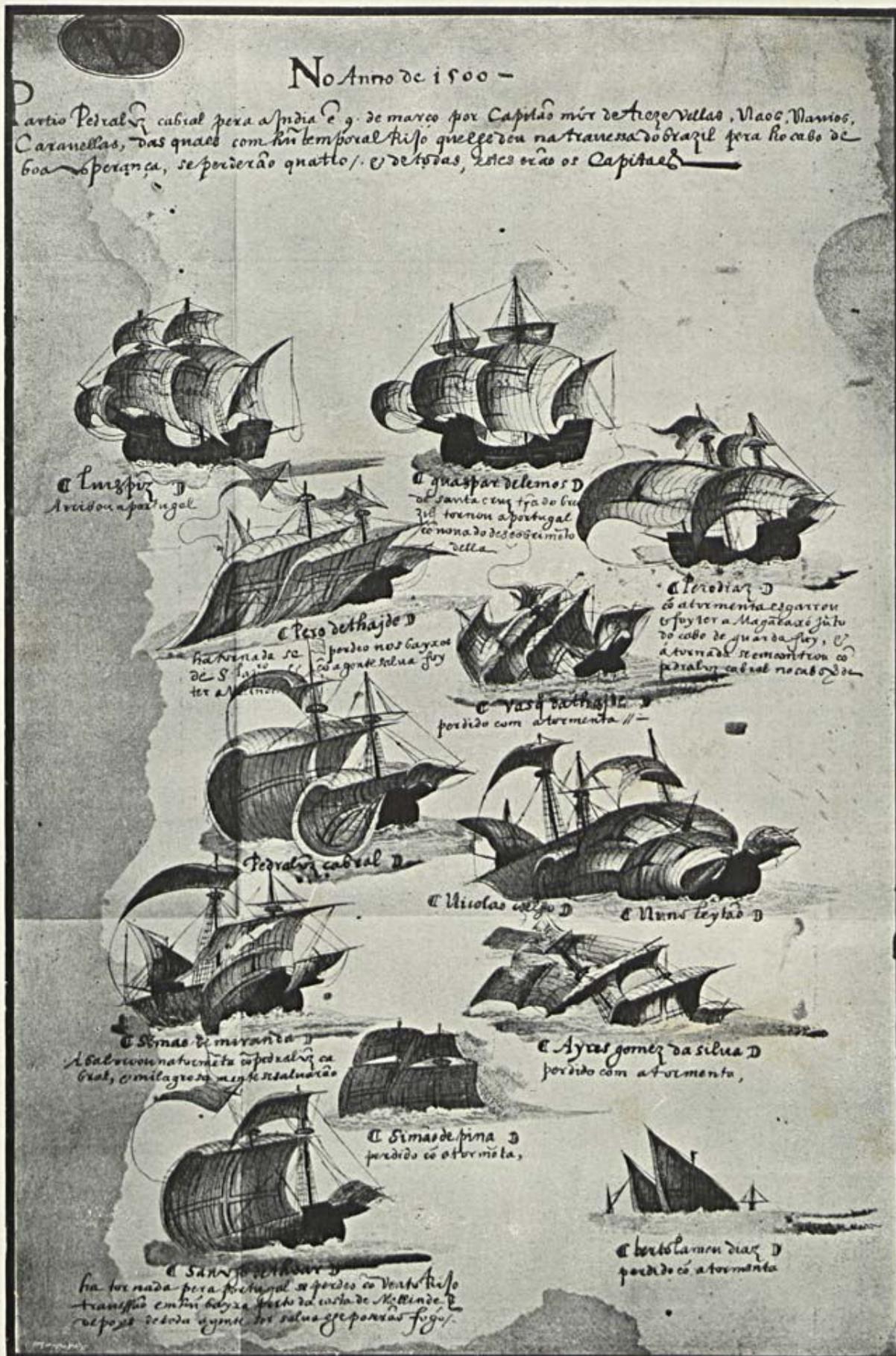
E' o resultado de apparecermos pouco. Quem não apparece... é preto!



ILHA DA MADEIRA. — Camara de Lobos

Camara de Lobos ou Cama de Lobos é um dos melhores portos da ilha da Madeira e foi n'elle que desembarcaram os primeiros portuguezes que descobriram estas paragens. E' villa e sede do concelho d'este nome, orçando a sua população total por uns 17000 habitantes. Muito industrial, e aqui onde se fazem os apreciados bordados da ilha, os chapéus de palha de centeio que imitam os de Itália, obras de verga, etc. Todo o concelho produz vinho, batata, inhame, limão e cidra e é abundante em goaço bovino, suino e caprino. Na villa ha dois passeios publicos e um mercado. Tem uma bahia magnifica e para o lado de oeste a chamada Prata da Ribeira do Vigarão muito propria para banhos. Os seus pontos de vista mais importantes são o Cabo Girão, cortado a pique, e o Pico da Torre d'onde se avista todo o concelho, parte da cidade do Funchal etc.

A descoberta do Brasil



A frota de Pedro Álvares Cabral

Fez no dia 22 do mez findo 410 annos que se deu o facto glorioso da descoberta do Brasil. A nossa gravura extrahida do Livro das Naus, existente na Academia Real das Sciencias, tem pois actualidade no presente momento.

Mais palavras duras

Na Academia Real das Bellas Artes

A decima exposição da Sociedade Silva Porto

Apenas me sento á mesa de jantar, ouço logo a voz plangente do mendigo esfomeado:

— *Louvado e adorado seja o Santissimo Sacramento...*

O meu Nilo, um cão alto, de pelo curto, espadado e forte, ladra a meu lado, inquieto, nervoso, como se ouvira um clamor inimigo.

O pobresinho continúa:

— ... *Póde lá dar uma esmolinha ao aleijadinho, meu senhor? .. Padre nosso...*

O Nilo continúa a ladrar enquanto eu esmago enojadamente um pedaço que tenho na bôcca.

Aquella voz não é um som; é o cheiro nauseabundo de mil chagas descuradas, é o pingar basto e pestilento de um cano de esgoto que me causa arrepios e faz azedar a comida na boeca.

— *Dá alguma coisa a esse pobre... recommendo commovido.*

E seguidamente, para ser agradável á Consciencia, a Razão tagarella:

— *Coitados dos mendigos! Tanta fome e tanto frio! Tanta dôr e tanta lagrima!*

A Consciencia toma então a palavra:

— *Porque não mandas entrar o pobre? Se é teu irmão porque o não sentas á tua mesa?*

A Razão emmudece; mas o cão, como se respondesse á Consciencia, temendo a privação de algum osso, ladra furiosamente.

— *Então, Nilo, que é isso? pergunta a Razão, buscando um derivativo. Um cão nobre como tu és só deve ladrar em occasiões solennes... Então?!...*

E a Razão continúa a falar com o Nilo, com esse bom Nilo que come sempre a meu lado e só não tem um talher porque a natureza lhe não deu outras mãos.

Afinal, quem me diz que o Nilo não é meu irmão? O *genesis* póde ser uma lenda e Darwin não era infallivel...

Já a minha razão se esponeja satisfeita quando a voz do pobre, devorado o *banquete*, agradece em tom reconhecido:

— *Obrigadinho, muito obrigadinho, meu senhor!*

Meu senhor! Ouviste, Razão? Meu senhor!... Tu és senhora do pobre; podias tirar-lhe a vida, e dêste-lhe uma tijela de couves...

Como és nobre, Razão!



Sol posto

(Quadro de Frederico Ayres)

A Sociedade Silva Porto, creada por Carlos Reis em homenagem ao notavel paisagista que foi seu mestre e cujo fim é desenvolver o estudo da pintura de paisagem entre os alumnos da aula respectiva da Escola de Bellas Artes de Lisboa, inaugurou ha pouco a sua decima exposição na qual figuram numerosas telas, algumas de incontestavel valor, na maioria executadas pelos referidos alumnos.

Veem-se alli trabalhos de João Soares, Abel Santos, Horacio Silva, Armando Lucena, João Baptista Junior, Adriano Costa, Leandro Calderon, José Campas, Alves Cardoso, Frederico Ayres, João Trigo e Antonio Saude.

El-Rei, que assistiu á inauguração, percorreu todas as salas, admirando muitos dos quadros expostos e tecendo os maiores elogios a Carlos Reis e aos expositores seus discipulos.

Geralmente, a caridade entende-se assim. A Consciencia, porque a mão deu um caldo de couves, aquietta-se, gosa, e a Razão acredita que as couves partidas hão de necessariamente resurgir no céu em jardins esplendrosos de verduras ethereas.

Muita gente experimenta até a sensação deliciosa de personalisar momentaneamente a caridade, cujo espirito é bebido n'um anhele voluptuoso como se bebe um jorro de luz vivissima. E á noite, entre os lençoes, a alma canta um jubilo doido, uma embriaguez mystica por ter dado a um pobre uma esmola de pataco.

Até madrugada, tem como Jacob sonhos magnificos em que apparece uma escada posta para si entre a terra e o céu. Em ca-la degrau está um anjo, e a sua alma vae subindo, subindo, de mão em mão, como um objecto caro e vistoso que os anjos miram e beijam até chegar á porta do céu onde S. Pedro lhe dá um abraço de partir os ossos.

E' quando a alma sente estalar os ossos que o corpo acorda.

«Ah! que sonho delicioso! — murmuram n'um bocejo bemaventurado — E' tão doce fazer bem!»

E revolvem-se olympicamente entre os lençoes, sentindo ainda na carne a frescura aromatica das altitudes divinas...

Benemeritas as mãos que ainda se abrem para dar um pataco, por que ha pessoas que tem o cuidado de conservar



Na Academia Real das Bellas Artes — A DECIMA EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE SILVA PORTO

Trecho das Lapas

(Quadro de Abel Santos)

Clichés de A. C. Lima).

uma das mãos vãs para que a outra lhe dê, e assim cumprem o preceito que manda exercer a caridade pela irmã mais próxima. As duas mãos vão-se governando e passando a esmola como ampulheta de areia que não deixa cair um grão.

Esta generosidade pôde chamar-se a *caridade bem entendida*. Ha também pessoas piedosas que falam muito em Jesus, invocam todos os



Na Academia Real das Bellas Artes. — A DECIMA EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE SILVA PORTO

Uma tela de João Baptista Junier

santos e saboreiam continuamente o *Padre-Nosso*, dando fartos conselhos a quem os *ha de mister*, enquanto o estomago do mendigo bate as palavras infernaes: «sempre, nunca!... sempre, nunca!...»

Argumentam talvez que o pobresinho, sendo um doente, precisa de caridade dosimetrica, não vá qualquer abundancia de alimento aggravar-lhe a *doença*...

Esta pôde chamar-se a *caridade por conta-gottas*.

E quantas caridades podia eu aqui ridicularisar, se para tal me sobrasse tempo e espaço.

Ainda a menos repugnante, porque é a menos hypocrita, é a caridade do avarento. Digam ao avarento, para o converterem pelo lucro, que «dar aos pobres é emprestar a Deus», e elle perguntará *in continenti* quem está acima de Deus para lhe servir de fiador.

Vêde como elle defende o seu thesouro, corajosamente, sem lhe importarem os titulos de benemerito. Olhae o seu cofre deslumbrador: tanta libra, tanto diamante, tanta materia sympathica que só a alma impenetavel do avaro livra do raio das nuvens. A verdadeira caridade de fórmas luminosas e azas nevadas bem lhe adeja em volta.

Cada olhar é um reflexo purissimo que accende no oiro fulgores ethereos; mas o avarento interpõe-se como Caco á entrada da caverna.

E' um quadro terrivel, mas não é um quadro cynico realçado de esmaltes piedosos.

Compare-se com este: em muitas casas abastadas que teem na imprensa brazões benemeritos, quando se trata de dar uma camisa a um pobre, surge grande discussão entre as pessoas de familia.

— Está ainda bem boa... diz um velhote de olhar obliquo.

— Olha bem boa! Optima! Ainda aguentava um anno.

— Ora... está já toda rota... resolve um petiz da casa, abrindo um riso alegre.

Só depois de convenientemente inspeccionada, de verem se tem os buracos requeridos pela hygiene, se dá, não aconteça morrer o pobresinho á mingua de... ventilação.

Para estes, a caridade não é um anjo alado, mas sim uma velhinha magra e finoria, tropega e curvada, que chega tarde e ás más horas, tendo apenas a consolação de depôr um beijo na face de quem morreu á fome...

Mas, é tempo de concluir.

Aquelles que como eu falam muito de fome são accusados de descurarem a perfeição moral. Não é assim. A um estomago vasio — digam lá o que disserem — corresponde uma alma revoltada. Não sou dos que affirmam ser a educação moral apenas um producto do systema nervoso, mas também não ignoro que o coração não fica muito longe do estomago.

E elles — principalmente — também o sabem, os miseraveis! Miseraveis, não; talvez generosos?

Mas generosos porquê? Porque ganhando ou tendo muito dão muito? Mas um homem ainda quando dá tudo, ficando com o sufficiente, é apenas um homem honrado.

Elles não dão o que é seu — restituem o que é dos pobres. Porém, aquelle que vendo o seu irmão com fome cerceia o seu pão, esse é o homem do Evangelho.

Quereis experimentar estes benemeritos?

Rogae-lhes a eliminação de despezas com os seus habitos luxuosos, com as suas recepções de gala, com as suas necessidades artisticas, etc., etc.

Oh! eu também adoro a arte ainda mesmo n'aquellas manifestações em que apenas posso adivinhar-lhe a grandeza; mas, se para matar a fome de meus irmãos fosse preciso vender aos turcos todas as *Virgens* de Murillo — vendel-as-ia. Até o velho *Moyse* de Miguel Angelo se arriçava a arrepellar as barbas n'uma das torres angulares que se altieiam na praça de Meca...

Padre ALVARES D'ALMEIDA.

Os teus olhos

A Joaquim dos Anjos

A gente da minha rua,
mesmo em noites de luar,
já sabe, ó meu doce amor,
quando tu vaes a passar.

E já notei varias vezes
que, quando passas, meu bem,
até os cegos me dizem:
— «Que lindos olhos que tem!...»

E' que a esse doce instante
não há, não, quem lhe resista,
porque os teus olhos divinos
até aos cegos dão vista.

Lisboa.

Mario Salgueiro.

Para que descrever o *feito*, quando o *bello* ainda se não acabou?

Carmen Sylva.

O trabalho é a divinisação do homem, é a sua identificação com Deus, que, pela sua previdente solicitude de todos os momentos é o mais activo de todos os trabalhadores.

A. Dumas.

COIMBRA



Lavadeiras no rio Mondego

S. PEDRO DA TORRE



Aspecto geral

S. PEDRO DA TORRE

As aguas da pelle

A riqueza thermal portugueza faz de Portugal uma immensa piscina d'agua santa onde se infundiriam á vontade todos os males humanos. Todos os dias, um novo veio brota de um pantano desconhecido ou da ouréla d'um caminho que as silvas disfructavam; e a ponto tal que já hoje é difficil tentar o inventario completo das nossas thermas, e arriscado o mandar gravar o mappa das nossas

Caldas, porque futuras descobertas de mais nascentes condemnariam certamente o *grabado*.

Se para a analyse chimica essas revelações são continuas, para o conhecimento publico então são diarias.

A não ser as *Pedras*, o *Vidago*, *Vizella*, os *Cucos*, *Entre-os-Rios*, o *Gerez* e *Melgaço*, que lograram a consagração monetaria da freguezia enfermeira, o mais, á merecê de uma iniciativa arrojada, do intelligente esforço de um municipio, de ha dez annos para cá nós travamos annualmente relações com novos annuncios de thermas que a falta de communicacões ou a ausencia de emprezas emprehendedoras sopitava, e que ao demandarem a evidencia industrialista nos surprézam como se viessem de ser descobertas.

As *acqua flavia* de Chaves — tão notorias e das relações intimas dos archeologos — as *Caldas de Carlão* para o concelho de Alijó, teem ainda fechada na mão uma nova fortuna para as gentes trasmontanas.

As *Caldas das Toyvas* mal despertam agora para a agitação productiva do seu desenvolvimento pratico.

E assim por esse bemdito país fóra, cujo mappa pôde ser desenhado



S. Pedro da Torre. — Logar da ponte



S. Pedro da Torre. — O cruzeiro da quinta da Boa Vista

por um veio d'agua sulfurosa que o arterialisa de norte a sul e desde a raia sêcca até quasi á franja costeira.

No grupo d'essas venerandas nascentes que ha muito se revelaram á religião e á sciencia, mas que só agora tentam offerecer os milagres do seu fluido á grey enferma, figuram, como uma das de mais futuro, por isso que são das mais abastadas em principios therapeuticos — as *Thermas de S. Pedro da Torre*.

Tranquilla moradora da margem esquerda do Minho, S. Pedro da Torre assenta soegada num formoso plaine, a 4 kilometros de Valença, fertil capitulo da luxuria minhota em que o feto bravo se entremeia num ardor de estufa e um arremêdo de tropico com os lascivos braços da vide pagan.

Já villa e termo nos tempos da conquista, depois de andar pelas mãos do Bispo de Tuy a quem a Rainha Thareja a regalou, a povoação da Torre esteve no marquezado de Villa Real que só deixou de apresentar o parcho quando o marquez, seu filho, o duque de Caminha, o conde d'Armamar e D. Agostinho Manuel de Vasconcellos houveram de apresentar suas almas a Deus, ali no Rocio, onde o anno de 1641 os viu degolar por traidores á patria, herdando-lhes, então, os bens a Casa do Infantado.

Como, pela guerra dos 23 annos, o vice-rei da Galliza, se apossasse tredoramente da Torre, os portuguezes — para que o ambicioso gallego se não desculpasse com o não ver a balisa que separava esse rincão de Portugal do territorio castelhano, — tingiram de sangue espanhol um confluente da Veiga de Mira que se ficou chamando Rio Tinto.



S. Pedro da Torre. — Ponte romana

Até hoje a barea dos espanhoes nunca mais se enganou nas margens, e os da Torre nunca mais deram que falar de si.

Agora, sim, espera-os a notoriedade, a fama, a gloria e a popularidade mesmo que hão de ter as suas thermas.

— Que agoas são essas?

— *Agoas da Pelle*, respondia o povo.

E a experiencia clinica como o interrogatorio analytic do sapiente chimico Carl von Bonhorst confirmaram plena e garantidamente as suas virtudes como reagente das dermatoses assanhadas.

Quando, porém, a analyse chimica denunciou a existencia dos *chloretos de potassa e de sodio, dos sulphatos de potassa e de cal, dos bicarbonatos de magnesia, silica, per-oxido de ferro, alumina, bicarbonato de sodio, etc.*, já os povos cumvisinhos da Torre estavam fartos de provar, por uma basta estatistica de resultados venturosos, a excellencia das agoas de *S. Pedro da Torre* e a sua classificacão.

Installada nesse parque natural que é o Minho, com a enternecedora lieção historica que é a vida de Valença, (1) cujo coração pulsa pertinho, servida pelo caminho de ferro do Minho, com a real estrada do districto de Vianna á porta, dispondo da pesca nobre do nosso Minho, no ponto em que o salmão e a lampreia transitam mais, S. Pedro da Torre estava fadada para prestar á humanidade enferma o calmante das suas agoas.

O que lhe faltava?

Um homem de bem e de pulso, com fé no futuro e amor pelo seu torrão, que fizesse perder a actualidade a estes dois periodos de P. Leal: «Ha nesta freguezia duas nascentes de agoas mineraes; uma d'ellas é sulphurea fria e se applica com bom resultado para a cura de molestias cutaneas: a outra, que nasce proximo áquella, diz-se que é muito digestiva. Nunca foram chimicamente analysadas e estão desprezadas pela camara e pelo povo da freguezia. São dois charcos immundos, cheios de limos e de raus, de maneira que se não pôde fazer uso d'es-



S. Pedro da Torre. — Viaducto de Sagulfes

tas agoas, sem limpar os charcos, e que podiam, se fossem bem tratadas, dar um bom rendimento á camara e muito interesse á freguezia.

Isto era uma desgraçada verdade no anno da graça de 1880.

Hoje é uma rematada mentira.

E' que appareceu o tal homem, com força de vontade e de tenacidade até o sacrificio, que limpou os charcos, expulsou as raus e mondou os limos.

Esse homem chama-se José Rodrigues Fragoso.

Quando ouvi falar pela primeira vez em S. Pedro da Torre e nos progressos que o seu novo proprietario lhe imprimira, vim a suppôr que J. R. Fragoso era medico.

Não é. E' mais do que medico, é um valenciano, arrojado e activo, que tem a biographia d'um heroe do trabalho: emigrando quando os annos lhe não excediam a conta dos dedos das mãos, uma praticagem no commercio, um exilio em Pernambuco, o regresso ainda quando a paixão do trabalho não estava satisfeita, e depois, agora, a obsessão de fazer de S. Pedro da Torre uma Spa mais pittoresca e mais economica.

E vai-o conseguindo: lá está o Hotel, aceado, irreprehensivelmente aceado, a sua candura de casa particular, o seu serviço futuro já assegurado, a paragem dos comboios na Torre com a inclusão da estancia thermal nas listas dos preços reduzidos, o estabelecimento substituto dos charcos, a classificacão dos doentes segundo as categorias, e lo-gradouros poeticos para a colonia thermal.

Sem reclamos, sem annuncios, sem o favor dos arrematantes das clinicas urbanas, sem apoio de ninguem, S. Pedro da Torre já na ultima estação thermal teve mil e tantos doctes.

Como se não bastasse o filão sulfuroso para as dermatoses, a prodigalidade da natureza lá lhe acrescentou o favor milagroso d'uma nascente ferruginosa, que dá a *S. Pedro da Torre* o privilegio d'uma segunda clientela.

E tudo isto se fez em meia duzia d'annos e tudo se deve a José Rodrigues Fragoso, que se desculpa do bem que está prestando á Torre e a Valença — que ha de ser quem mais mais lucrará no desenvolvimento das Thermas visinhas —, com o patrocínio d'um respeitavel ancião o

sr. José Antonio Alves Rodrigues, importante capitalista no Porto, tio do proprietario das Agoas de S. Pedro.

J. Rodrigues Fragoso, que não se move pela ambição, sabendo perfeitamente que o juro do seu dinheiro, quanto mais do seu trabalho, empregado na Torre não se verá em sua vida, assegurou a continuidade da façanha associando os seus filhos e organisando assim a firma Ro-



S. Pedro da Torre. — *Thermas da Fonte Santa Moinhos de Sagulfes*

drigues Fragoso & Comp.^a, que é hoje a proprietaria das *Thermas de S. Pedro da Torre*.

E assim se vae creando e medrando essa encantadora estancia thermal de S. Pedro da Torre, acocadinha na extensa planura que a veiga de Segadães norteja, a que os montes de Coura ensinam o nascedouro do sol, a que terras de sementeira fecham as portas do sul e que vae beber as melancolias do poente ás agoas ternas do rio Minho.

Lisboa, março 1910.

Joaquim Leitão.

(1) Vide artigo *Valença do Minho*, no numero 268 do *Brasil-Portugal*.

São do ex.^{mo} sr. Theodorico Junior, o photographo amator cujos artisticos clichés illustram esta breve expressão da mansão de S. Pedro da Torre, os pormenores que a seguir publicamos:

o aspecto geral das thermas

Na sua generalidade, as thermas, embora em ponto diminuto, são debaixo do ponto artistico dignas de menção, pelas variadas *nuances* que apresentam.

Um amontoado de casaes, semelhando um pequeno povo, as casas da machina destinadas a produzir o aquecimento dos banhos, deposito de combustivel, casa de materiaes, arrecadações, hotel, etc., tudo bem disposto e de inexcédível asseio, nada faltando aos preceitos hygienicos que em taes casos se requerem.

Agoa em abundancia, atmospheria saturada de oxygenio puro, são os dois elementos principaes que eficazmente contribuem para que a sua concorrência prospere, o que em grande parte se deve ao distincto e intelligente clinico, director tecnico das thermas, o illustre D. Francisco Alvarés, consul de Portugal em Gaião, Espanha.

E' um cavalheiro de bella apresentação, dotado de uma grande acuidade de espirito, manifestado nas suas despretenciosas palestras, alliada a uma solida e vasta instrução, intelligencia robusta, escriptor muito apreciado, um medico reputadissimo e muito chamado pelas povoações portuguezas do alto Minho.

Thermas em 1904

Irreconheciveis hoje, tanto teem sido melhoradas, as thermas cuja concorrência em 1904 era diminuta, devido ao estabelecimento estar na sua incipiencia, hoje são bastante frequentadas dando um regular contingente as familias espanholas que ali vão fazer a sua estancia de agoas por recommendação do seu director e já referido clinico D. Francisco Alvarés. As commodidades e o conforto que lhes faltavam primitivamente têm pouco a pouco sido introduzidos, e d'ahi a sua procura e preferencia.

Estação de S. Pedro

E' uma estação modelar, e de regular movimento commercial, que serve de meio de comunicação com o concelho de Coura, e muito frequentada pelos habitantes das povoações limitrophes.

Ponte romana

Era um dos pontos de passagem forçada da via romana de Braga a Astorga por Tuy. Pena é que os poderes publicos a tenham votado ao abandono não cuidando da sua conservação como lhes competia para perpetuar aos vindouros os meios da antiga comunicação como a sua existencia nos leva a suppôr.

Ponte rustica

Dá acesso da insua para as thermas. A sua construcção tosca é formada de troncos de asinho e sobreiro, sendo deveras original, o que representa o bom gosto do seu proprietario.

Panorama de S. Pedro

S. Pedro da Torre é uma das mais antigas povoações do alto Minho. Em todos os seus meios de comunicação ha evidentes vestigios da villa antiga e por vezes ali têm apparecido objectos de diversas idades, que claramente o comprovam. Por S. Pedro deveria ter passado, segundo pesquisas a que entidades competentes no assumpto procederam, a terceira estrada romana como parece confirmar-se pela existencia de um marco milliaro que ali se encontrava e ha alguns annos desapareceu, ignorando-se o destino que lhe foi dado. Durante a guerra da independencia construíram-se ali alguns fortes de que hoje não restam senão ligeiros vestigios. Está bem situada, o commercio local tende a progredir devido aos depositos de milho que ali se armazena para exportação.

Moinhos de Sagulfes

Situados em terrenos do proprietario das thermas, existem os moinhos de Sagulfes, de que a gente da localidade se serve para a transformação em farinha do producto das suas colheitas que são abundantes, principalmente em milho.

Hotel das thermas

Embora de modestas dimensões, é de uma construcção solida, com bom aspecto, bem delineado e confortavel em todas as suas divisões. N'elle se disfructa uma variada e amena paisagem. A sala de jantar, sobretudo é magnifica, bem arejada e varrida de luz, os quartos, pequenos mas de rasgadas janellas; dispensa, aposentos para creados, etc., etc. Em futuros annos e logo que a sua concorrência assim o



S. Pedro da Torre. — *Quinta de Valle de Flores*

determine, por certo soffrerá as alterações convenientes e a que o seu proprietario por certo se não poupará.

Insua

Fica á frente das thermas, e como o seu nome indica, circumdada de agua pelo riacho Sagulfes, que é gracioso graças ao seu leito serpenteado, marginado por um variado macisso de verdura.

Parque

E' restricto mas bastante arborizado, sendo as suas plantas escolhidas com acerto e bom gosto e onde os aquistas se podem recrear gosando a frescura das amenas e dulcissimas tardes de verão.

Bosque

Fica ao norte das thermas, bastante abundante em carvalheiras, e tratado com esmero e cuidado, apresenta um aspecto agradável e risonho no seu conjunto.

Viaducto de Sagulfes

A sua construção data da antiguidade, e proximo d'elle destaca-se uma pequena barraca que serve de abrigo a uma nascente de agoas sulfurosas. Na sua parte superior está encravado um cano de pedra que dá passagem ás agoas destinadas ás regas dos terrenos limitrophes.

Logar da Ponte

E' uma pequena povoação ao poente das thermas; bella pelo seu aspecto e pelo magnifico ponto de vista que d'ella se divisa, é por isso digna de ser visitada pelos *touristes*.

Salas de recreio da Fonte Santa

A pouco mais do que a ellas, se limitava o edificio das thermas em 1904. Hoje devidamente reparadas e grandemente modificadas pouco conservam da sua forma primitiva.

Casa e quinta do Valle de Flôres

Fica á margem da estrada e confina em toda a sua extensão com terrenos do caminho de ferro. A casa é ampla e tem todas as commodidades exigidas a construções congeneres, a quinta uma bella vivenda, de esmerado cultivo e grande rendimento. E' propriedade de José Rodrigues Fragoso.

Quinta da Boa Vista

Propriedade ha pouco adquirida pelo proprietario das thermas d'onde dista tres kilometros proximamente, e onde os aquistas se podem recrear gosando as bellezas campestres. Os seus jardins e viveiros são magnificos.

Aprasavelmente situada n'um ponto sobranceiro á villa e cidade de Tuy, com um campo de observação muito lato espraiando-se a vista sem entraves de qualquer natureza, é digna de ser visitada.

Cruzeiro da Boa Vista

E' antigo, como parece prova-lo a inscripção romana que n'elle se acha escripta.

Pelicano

E' um emblema que se encontra na parte superior do portal da Quinta da Boa Vista e a que os entendedores dão grande merecimento, indo ali muita gente propositadamente para o observar.

Valença, 5 de maio de 1909.

THEODORICO JUNIOR.

Limpeza dos moveis antigos

Misturem-se perfeitamente:

Alcool	1 litro
Oleo de linhaça	20 gr.
Pedra pomes em pó	100 »
Acido sulfurico	5 »

Empape-se n'essa mistura um pedaço de flanela, e esfregue se bem o movel. A limpeza opera-se quasi repentinamente, e para que seja mais doradoira convém dar aos moveis uma capa de verniz

NO «ATELIER» DE CARLOS REIS



Uma feira de gado em Torres Novas

A' sombra d'um pinheiro gigantesco abrigam-se, n'uma disposição naturalissima, varios grupos de aldeões que em magnificas attitudes admiram o gado que os seus proprietarios conduziram á feira.

E' este o assumpto do monumental quadro de Carlos Reis que em breve irá figurar no nosso museu nacional. Antes da entrega official quiz o notavel pintor expol-o no seu atelier onde El-Rei o foi admirar, exclamando ao vel-o: — «E' um destumbramento!»

ARTE

*Últimos trabalhos, em bronze, feitos nas oficinas
da Fundação Indígena, do Rio de Janeiro,
em 1910*



I — D. João VI. II — República Brasileira. III — Marechal Deodoro da Fonseca.
IV — Dr. Francisco Pereira Passos. V — Dr. Oswaldo Cruz. VI — Carlos Gomes. VII — Dr. Aguiar, ex-prefeito municipal.
VIII — João Caetano, actor brasileiro. IX — Dr. Franklin Sampaio. X — Arthur Azevedo. XI — Dr. Niemayer.

ARTE



Com esta epigraphic publicamos n'este numero uma pagina curiosissima reunindo onze magnificos bustos de tão flagrante semelhança com os originaes, que mais parecem photographias. Um só d'esses bustos em bronze bastaria para fazer a reputação das officinas de onde

sahiram. Produziu-os a *Fundição Indigena*, o mais importante estabelecimento da America do Sul, ha muitos annos fundado no Rio de Janeiro, e que em centenas de trabalhos similares tem assentes os seus credits. Entre essas reproduções notaremos os bustos do dr. Pereira Passos, o reformador do Rio, Carlos Gomes, dr. Niemayer, e Arthur Azevedo que conhecemos de perto.

Está actualmente em Lisboa o proprietario-gerente da *Fundição*, o commendador Santos Carvalho.

A Mão d'Obra em S. Thomé e Principe

Temos ha dias sobre a nossa mesa de trabalho, gentilmente offerecido pelo seu auctor, o livro que tem o titulo acima.

Se quizessemos largamente explicar o serviço que presta a Portugal com a publicação d'este livro o sr. Francisco Mantero, e que vem reforçar a lista já valiosa de quanto lhe devem as colonias portuguezas, teriamos de encher muitas columnas do *Brasil-Portugal*.

Inhibe-nos de o fazer agora a falta de espaço, o que não quer dizer que deixemos de aguardar melhor occasião para pôr bem em relevo o muito que tem de elucidativo, de util, de patriótico, este magnifico volume, illustrado por centenas de gravuras, nitidas e bellas, não só dos ministros que promoveram a emigração e transporte de trabalhadores para S. Thomé, do fallecido principe real D. Luiz Filipe que visitou aquella ilha em 1907, de governadores, do primeiro barão de Agua Izé, principal iniciador da agricultura da colonia, mas tambem das suas roças principaes, dos typos de indigenas e serviços, de habitações de trabalhadores, de utensilios e alfaías agricolas, de instituições e estabelecimentos portuguezes, etc.

Ao sr. conselheiro Dias Costa consagra o sr. Mantero o seu valioso trabalho, que é, por assim dizer, o desempenho da missão de que o incumbiu aquelle director geral dos negocios do ultramar, hoje ministro do reino: responder ao questionario sobre a mão d'obra colonial em S. Thomé e Principe.

«Pareceu-me, diz o auctor do livro, que a especial questão da mão d'obra em S. Thomé, elevada á categoria de questão mundial pelas irritantes campanhas de alguns inglezes pouco amigos, ou pouco conhecedores do nosso paiz, demandava mais esclarecimentos do que aquelles que se podem conter n'um documento destinado a um fim geral, e que este era o momento opportuno de dizer alguma coisa em defesa da mais portugueza e da mais progressiva das nossas colonias.»

Honradamente se desempenhou d'essa missão, e fez d'este formoso volume um vasto repositório de conhecimentos utilissimos a quantos se interessam pelo futuro do ultramar portuguez.

Uma edição em francez e outra em inglez saem brevemente dos prelos, e, profusamente espalhadas no estrangeiro, esclarecerão, como diz o sr. Mantero, a opinião publica nacional e estrangeira sobre um assumpto de capital interesse, no interior para a nossa vida economica, e no exterior para o bom nome da nossa querida patria.

O sal na alimentação

Porque fazemos nós um uso tão frequente e tão grande do sal? Será esta substancia, o chloreto de sodio, um alimento necessario á vida ou simplesmente um condimento destinado a lisongear o nosso paladar?

A fim de respondermos a estas perguntas vejamos como o sal actua sobre o organismo humano.

As nossas cellulas, os nossos tecidos e todos os liquidos do nosso corpo contem o sal das cosinhas. Este sal é necessario ao funcionamento dos nossos orgãos.

Precisa d'elle o estomago para formar o acido chlorhydrico do succo gastrico.

O fígado utiliza-o, identicamente, não o podendo dispensar, para a formação da bilis.

A secreção lacrimal que nos humedece os olhos contem o chloreto de sodio. Encontra-se ainda o sal marinho na saliva, no suor, e no liquido filtrado pelos rins.

A formação d'estes diferentes humores exigindo no organismo a presença do sal, é claro que torna necessario fornecer o á economia por meio da alimentação.

Só assim é que se poderá cobrir o deficit physiologico d'esta substancia, que a cada momento surge no interior do nosso corpo. Por outro lado, parece que a falta de sal nos alimentos digeridos os torna de impossivel assimilação, não se dando a regeneração dos tecidos gastos.

Tem-se pretendido saber o que aconteceria aos animaes privados de sal na sua alimentação; para isso tem-se experimentado fornecer-lhes uma alimentação abundante e succulenta, com carnes e gorduras, mas da qual, por processos chimicos, se lhe retira não só o sal das cosinhas mas ainda outros saes e estes animaes morrem mais depressa que outros similares submettidos ao jejum absoluto.

Alguns medicos desejaram experimentar em si proprios os effeitos da alimentação sem sal: no fim de alguns dias cahiam doentes com albuminuria.

Certos senhores russos, por motivo de menos caridade e feroz economia, tentaram retirar á alimentação dos seus trabalhadores o sal das cosinhas: os pobres *moujiks* cahiram immediatamente doentes, tornaram-se hydropicos e incapacitados para todo o trabalho.

Sabe se tambem que em França, no cerco de Metz, em 1870, a privação mais sensivel foi a falta do sal marinho.

Ha, no entanto, povos que não fazem uso directo d'esta substancia na sua alimentação. Muitas raças da Asia e da Africa Central, alguns povos das regiões mais septentrionaes e todos os selvagens da Siberia manifestam verdadeira repulsão pelo sal.

Basta-lhes, para as despesas do seu organismo, o sal existente na carne dos peixes e animaes terrestres de que se nutrem, o que se encontra no leite, nas plantas, e na propria agua potavel.

E' tambem para notar que o abuso do sal, em doses elevada, pôde provocar accidentes e até produzir a morte. Em certas doenças de rins o sal pode produzir complicações graves, por vezes até mortaes.

De tudo isto se conclue que o sal é indispensavel á vida; mas a dose de que temos necessidade para as despesas organicas é nos fornecida, quasi inteiramente, pelos alimentos de que nos servimos.

Para satisfazer completamente, pelo que respeita ao sal marinho, ás nossas exigencias physiologicas, bastará ajuntar por dia aos nossos alimentos, ou na sua manipulação ou á mesa, cerca de dois grammas d'esta substancia.

Além d'este limite, que não deve ser demasiadamente excedido, o sal só representará um condimento que lisongea e excita o nosso paladar, algumas vezes já não pouco embotado.

Para limpar o pergaminho

Basta applicar a benzina sobre o pergaminho, servindo-se de uma esponja, para que todas as manchas desapareçam por completo e sem inconveniente algum.



D. Maria — Filhos, peça em 5 actos, original de Vasco de Mendonça Alves.
Trindade — Sua Alteza Real o Principe Consorte, operetta em 3 actos, original de Vaurof e Ciganciel com musica de Ivan Garill, tradução de Accacio Antunes.
Colysen dos Recreios — Rua dos Condes — Principe Real.

— Aos que em phrase retumbante pregam por ali, arrumados ás esquinas ou ás portas dos cafés, que nós temos negação absoluta para produzir theatro, d'aqui lhe apontamos como uma verdadeira obra prima, que é, a peça *Filhos*, do sr. Vasco de Mendonça Alves, ultimamente representada em **D. Maria**. Tinhamos uma certa sympathia pelo nome do talentoso escriptor, mereç das anaveis referencias que ouvimos á sua peça *Ultimo amor*, que não conhecemos, e que apenas logrou ser representada uma unica vez, a época passada, no **Principe Real**: foi o seu primeiro passo de auctor dramatico. Por isso, quando nos annunciaram uma nova produção firmada com o seu nome, nasceu em nós a esperanza de que essa obra fosse alguma coisa fóra da rotina costumada, e não nos enganámos. Aseguramos até que o exito foi além da

espectativa, pois de ha muito que nos nossos palcos não apparece peça portugueza tão bem tratada, revelando-se o auctor um profundo conhecedor da technica theatral a par de um observador fino.

O assumpto dos *Filhos* não é novo, é mesmo até — seja-me permitido o termo, — banal, é uma velharia já explorada, mas, é um verdadeiro primor artistico a fórma como está tratado. A acção desenvolve-se com uma mestria tal, que domina por completo o espectador, interessando-o a mais e mais em cada acto, aguçando-lhe a curiosidade, sem nunca lhe deixar adivinhar o desfecho, que até á ultima phrase da peça é uma incognita. O bem desenhado dos lances e das situações, tudo aquillo que é o segredo, o *savoir faire* do verdadeiro dramaturgo, dá-nos a impressão de uma obra inteiramente nova; e depois não ha uma scena, uma phrase, uma palavra, uma rubrica que possa dispensar-se; tudo é concernente á acção; um unico detalhe, que escapasse, ser lhe ia, parece-nos, prejudicial.

Como já disse, o assumpto não é novo: os *Filhos* é a eterna historia do *amigo intimo* da casa — n'este caso, *Jorge Coutinho* (Carlos Santos) — que na ausencia do chefe da familia, *Manuel de Mello* (Eduardo Brazão), lhe seduz a mulher, *Joanna* (Lucinda Simões), nascendo d'estes amores peccaminosos *Bertha* (Palmyra Torres) que aos olhos do dono da casa passa por ser o fructo de uma leviandade, em rapaz, de *Jorge Coutinho*. Existem do matrimonio dois filhos legítimos, *Luiza* e *Fernando* (respectivamente Adelina Abranches e Christiano de Souza). Este ultimo, convivendo com *Bertha* desde creança, acaba por se apaixonar por ella, que lhe corresponde.

Aqui começa a tortura da mãe que a todo o transe procura impedir a continuação d'aquelles amores, o que faz com que o marido, desconfiado já com a recusa formal de *Jorge Coutinho* em dar a mão de *Bertha* a *Fernando*, investigue e descubra as verdadeiras causas d'uma tal opposição. *Fernando*, para se vingar de *Jorge Coutinho*, da noção que este lançou no nome de seu pae, declara toda a verdade a *Bertha*, que n'uma apostrophe violenta renega o pae, pelo crime de a ter feito viver junto de Fernando; foi o que motivou aquella mutua afeição. — E' uma scena magistral essa em que os dois irmãos accusam *Joanna* e *Jorge* do crime de os ter conservado juntos. *Manuel de Mello* que quer expulsar, de casa, a mulher, desiste do seu intento a instantes rogos da filha, e é então que na ultima phrase da peça lhe diz — *Por ti, não por ella... que fique*. E como Brazão o disse!... N'aquellas sete palavras elle soube bem dar a nota do que iria para além da peça, do que seria o futuro... — sim, ella ficaria, mas por dó, por esmola, sem a sua afeição. Foi sublime, o grande artista!

O desempenho foi brilhante; todos os artistas se sahiram muito bem de todas as difficuldades, que não são poucas. Lucinda e Christiano magistralmente.

E os nossos parabens ao novel dramaturgo.

Muito interessante e com linda musica a peça que subiu ultimamente á scena na **Trindade** em beneficio da sympathica e intelligente actriz Thereza Taveira. No genero da *Viuva Alegre* e do *Sonho de Valsa*, ella emparelha perfeitamente ao lado d'estas, tanto pela graciosidade do poema como pela belleza da partitura.

No desempenho tiveram as honras, além da festejada, Etelvina Serra, que representou e cantou magistralmente a sua parte; Mauricio Ben-sande, no *Principe*, e Correia no *Rei*, que foi de uma graça inegalavel. Os côros afinados e scenario deslumbrante.

Theatro D. Amelia



Ermete Zacconi

O maior artista do mundo, actualmente em Lisboa

No **Colyseu** tem continuado a agradar extraordinariamente a companhia de opera italiana, merecendo especial menção a opera *Favorita*, pela fórma brilhante como foi cantada. Em breve teremos o *Fausto*, *Traviata* e *Lohengrin*, e tambem a celebre *Maria Galvani*, que tanto tem agradado em épocas anteriores.

Na **Rua dos Condes** e no **Principe Real** continuam em pleno successo as revistas *Fado e Maxixe* e *Sol e Sombra*, augmentadas com dois novos quadros, que teem tido enorme exito.

REV.

THEATROS. — Principe Real — Sol e sombra



(Cliché de J. Benolle).

Uma festa a Chantecler